

A



**METADE  
PERDIDA**

**BRIT  
BENNETT**

TRADUÇÃO DE THAÍS BRITTO

# SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Nota da editora

Dedicatória

## PARTE 1: As gêmeas desaparecidas

Um

Dois

Três

## PARTE 2: Mapas

Quatro

Cinco

Seis

## PARTE 3: Linhas do coração

Sete

Oito

Nove

## PARTE 4: A entrada para o palco

Dez

Onze

Doze

Treze

## PARTE 5: *Pacific Cove*

Quatorze

Quinze

## PARTE 6: Lugares

Dezesseis

Dezessete

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outro título da autora

Leia também

## NOTA DA EDITORA

Em *A metade perdida*, Brit Bennett optou por usar termos que hoje consideramos ultrapassados, incompatíveis com o entendimento contemporâneo de identidade racial, porém em consonância com a linguagem das décadas retratadas na obra, os anos 1950 a 1990. Nesta edição que o leitor tem em mãos, procuramos utilizar expressões em português que tivessem o mesmo peso histórico pretendido pela autora na versão original em inglês.

*Para minha família*

PARTE I

AS GÊMEAS  
DESAPARECIDAS

(1968)

## UM

Na manhã em que uma das gêmeas desaparecidas retornou a Mallard, Lou Le Bon foi correndo até a lanchonete para contar a novidade e, até hoje, anos depois, todo mundo se lembra do choque ao vê-lo chegar escancarando as portas de vidro, suado, a respiração ofegante, a gola da camisa suja pelo esforço físico. Os clientes, até então caindo de sono, fizeram uma algazarra ao redor dele; eram umas dez pessoas, embora hoje em dia muita gente minta dizendo que estava lá, ainda que seja só para fingir que, pelo menos uma vez, testemunhara algo realmente emocionante. Nada de surpreendente havia acontecido naquela cidadezinha rural, não desde o desaparecimento das gêmeas Vignes. Mas, naquela manhã de abril de 1968, enquanto ia para o trabalho, Lou avistou Desiree Vignes caminhando pela Partridge Road, segurando uma mala pequena de couro. Ela tinha a mesma aparência de quando saíra da cidade aos dezesseis anos: ainda magra, com a pele cor de areia úmida. Seu corpo sem curvas o fazia lembrar de um galho carregado por uma brisa forte. Ela estava com pressa, a cabeça inclinada para a frente e — Lou fez uma pausa, performático — de mãos dadas com uma menina de uns sete ou oito anos, preta como piche.

— Preta azulada — disse ele. — Como se tivesse vindo diretamente da África.

O pessoal da Egg House se dispersou em grupinhos de conversa. O cozinheiro se perguntou se teria sido mesmo Desiree, já que Lou ia

fazer sessenta anos em maio e era muito vaidoso para usar seus óculos. A garçonete afirmou que só podia ser ela, afinal, até mesmo um cego reconheceria uma das garotas Vignes, e certamente não poderia ser a outra. Os clientes, que abandonaram os mingaus e ovos no balcão, não se importaram muito com aquela discussão... Mas que raio de criança escura era aquela? Poderia ser filha de Desiree?

— E seria filha de quem mais? — perguntou Lou, pegando alguns guardanapos para secar a testa suada.

— Vai ver é uma órfã que ela adotou.

— Não sei como uma coisa tão preta pode ter saído da Desiree.

— E por acaso Desiree faz o tipo que adotaria uma órfã?

Claro que não. Era uma garota egoísta. Se havia algo de que se lembravam a respeito dela era isso, e a maioria não recordava mais nada. As gêmeas tinham ido embora há quatorze anos, quase o mesmo tempo que todos conviveram com elas. Desapareceram da cama depois da festa do Dia do Fundador, enquanto a mãe dormia no quarto ao lado. Certa manhã, as gêmeas se arrumavam diante do espelho, quatro garotas idênticas mexendo no cabelo. No dia seguinte, a cama estava vazia, as cobertas dobradas como em qualquer outro dia: bem-arrumadas quando era Stella que fazia, amassadas quando era Desiree. A cidade inteira as procurou durante a manhã, chamando seus nomes no bosque e tolamente imaginando que haviam sido raptadas. O desaparecimento foi tão repentino que parecia o arrebatamento cristão; todos os pecadores de Mallard tinham ficado para trás.

É claro que a explicação não era assustadora, nem mística; logo as gêmeas reapareceram em Nova Orleans. Eram garotas egoístas fugindo das responsabilidades. Não continuariam longe por muito



tempo. A vida urbana ia esgotá-las. Ficariam sem dinheiro, perderiam a audácia e voltariam com o rabo entre as pernas para a casa da mãe. Mas elas nunca voltaram. Em vez disso, separaram-se depois de um ano, as vidas repartidas como na divisão do óvulo na barriga da mãe. Stella virou branca e Desiree se casou com o homem mais negro que encontrou.

Agora Desiree estava de volta, e só Deus sabia por quê. Talvez fosse saudade de casa. Sentiu falta da mãe depois de todos aqueles anos, ou então quis exhibir sua filha escura. Em Mallard, ninguém se casava com pretos. Ninguém ia embora também, mas Desiree já havia feito isso. Ao se casar com um homem preto e andar pela cidade toda com aquela criança escuríssima, ela estava indo longe demais.

Na Lou's Egg House, o grupo se dispersou; o cozinheiro recolocou a touca, a garçonete começou a contar moedas no balcão, homens de macacão engoliram o café antes de voltar para a refinaria. Lou se recostou na janela suja e ficou observando a estrada. Ele deveria ligar para Adele Vignes. Não era certo que ela fosse surpreendida daquele jeito pela própria filha, não depois de tudo pelo que passara. E agora Desiree aparecia com aquela criança preta... Meu Deus. Ele pegou o telefone.

— Acha que pretendem ficar? — perguntou o cozinheiro.

— Vai saber? Mas ela parecia estar com pressa — respondeu Lou.

— Não imagino o porquê. Passou por mim e não acenou nem nada.

— É uma esnobe. E que motivo ela tem para ser tão esnobe?

— Meu Deus — comentou Lou. — Nunca vi uma criança tão preta feito aquela.

## ERA UMA CIDADE ESTRANHA.

Mallard, que significa pato em inglês, foi batizada assim por causa dos zarros-de-colar que viviam pelos arrozais e pântanos. Como qualquer outra, aquela cidade era mais uma ideia do que um lugar. A ideia ocorreu a Alphonse Decuir, em 1848, quando estava nos campos de cana-de-açúcar que herdara do pai. O pai agora estava morto, o filho agora estava livre e desejava construir naquelas terras algo que durasse por séculos. Uma cidade para homens como ele, que nunca seriam aceitos como brancos, mas que se recusavam a ser tratados como negros. Um terceiro lugar. A mãe de Alphonse, que Deus a tenha, odiava a pele clara do filho; quando ele era criança, ela o colocava debaixo do sol, rezando para que escurecesse. Talvez aquela tenha sido a inspiração dele para sonhar com a cidade. A pele clara, como tudo que é conquistado a duras penas, era uma dádiva solitária. Ele se casara com uma mulata ainda mais clara que ele próprio. Naquela época, ela estava grávida do primeiro filho, e ele então imaginou os filhos dos filhos de seu filho ainda mais claros, como uma xícara de café sendo diluída aos poucos com leite. Um negro cada vez mais perfeito. Cada geração mais clara que a anterior.

Logo, outros vieram. E ideia e lugar se tornaram inseparáveis. Mallard se espalhou por todo o restante de St. Landry Parish. As pessoas de cor cochichavam, se perguntavam se era verdade. Os brancos não acreditavam que tal lugar existisse. Quando a igreja de St. Catherine foi construída, em 1938, a diocese enviou para lá um jovem padre de Dublin que chegou ali tendo a certeza de que estava perdido. O bispo não lhe contara que Mallard era uma cidade de pessoas de cor? Bem, então quem era aquela gente que morava ali? Peles claras, cabelos louros e ruivos, os mais escuros no máximo morenos como os

gregos? Essas pessoas eram consideradas de cor nos Estados Unidos? Eram esses de quem os brancos queriam manter distância? Mas como eles sabiam a diferença?

Quando as gêmeas Vignes nasceram, Alphonse Decuir já estava morto havia muito tempo. Mas, querendo ou não, as tataranetas herdaram seu legado. Até mesmo Desiree, que sempre reclamava dos piqueniques no Dia do Fundador e revirava os olhos quando aquilo era citado na escola, como se não tivesse qualquer relação com ela. Isso ficou marcado depois que as gêmeas sumiram. Como Desiree nunca quis fazer parte de uma cidade que era sua por direito. Como ela acreditava que podia apagar a história como se apaga um rabisco de lápis no papel. Você pode até fugir da cidade, mas não pode fugir do sangue da família. De certo modo, as gêmeas Vignes se consideravam capazes de fazer ambas as coisas.

Ainda assim, se Alphonse Decuir pudesse passear agora pela cidade que imaginara, ficaria encantado com suas tataranetas. Gêmeas, pele cor de creme, olhos cor de avelã, cabelos ondulados. Ele ficaria encantado. Filhos um pouquinho mais perfeitos que os pais. O que poderia ser mais formidável que isso?

---

AS GÊMEAS VIGNES DESAPARECERAM no dia 14 de agosto de 1954, logo após a festa do Dia do Fundador, e, como todos perceberam depois, aquele sempre fora o plano das duas. Stella, a inteligente, previu que toda a cidade estaria distraída. As pessoas estariam naquela lombeira pós-sol por causa do demorado churrasco na praça principal, onde Willie Lee, o açougueiro, assava costelas, bistecas e linguças

sulistas. Depois vinha o discurso do prefeito Fontenot, e o padre Cavanaugh abençoava a comida, enquanto as crianças, já inquietas, roubavam as peles de frango crocantes dos pratos dos pais, que ainda rezavam. A comemoração durava a tarde toda, ao som da banda, e a noite terminava com uma festa no ginásio da escola, de onde os adultos voltavam cambaleando para casa depois de exagerar no ponche de rum preparado por Trinity Thierry... As poucas horas naquele ginásio eram um convite delicado à nostalgia dos anos de juventude.

Fosse em qualquer outra noite, Sal Delafosse talvez tivesse visto pela janela as duas garotas andando à luz do luar. Adele Vignes teria escutado o rangido do piso de madeira. Até mesmo Lou LeBon poderia ter avistado as meninas pelas janelas de vidro embaçadas enquanto fechava a lanchonete. Mas, no Dia do Fundador, a Lou's Egg House fechava mais cedo. Sal, sentindo uma animação repentina, correu para a cama com a mulher. Adele apagou graças aos copos de ponche que tomou e, roncando, sonhou que dançava com o marido no baile da escola. Ninguém viu as gêmeas fugirem, exatamente como elas haviam planejado.

Mas a ideia não foi, de jeito nenhum, de Stella. Naquele último verão, foi Desiree quem decidira fugir depois do piquenique. O que, talvez, não fosse assim tão surpreendente. Durante anos, não era ela que dizia aos quatro ventos que mal podia esperar para ir embora de Mallard? Na maioria das vezes ela dizia isso a Stella, que lhe dava atenção com a paciência de alguém acostumada a ouvir delírios há tempos. Para Stella, ir embora de Mallard parecia tão fantasioso quanto pegar um avião para a China. Tecnicamente era possível, mas ela não se imaginava fazendo aquilo. Desiree, no entanto, sempre sonhara com a vida fora daquela cidadezinha rural. Quando as gêmeas

assistiram ao filme *A Princesa e o Plebeu* no cinema em Opelousas, ela mal conseguira ouvir os diálogos ali do balcão, onde as outras crianças de cor, barulhentas e entediadas, jogavam pipoca nos brancos sentados na plateia. Mas ainda assim, debruçara-se no parapeito, fascinada, imaginando-se flutuando sobre as nuvens até algum lugar bem longe, como Paris ou Roma. Embora ela nunca tivesse ido nem sequer a Nova Orleans, a apenas duas horas dali.

“A única coisa esperando por vocês lá fora é selvageria”, dizia a mãe delas com frequência, o que obviamente só deixava Desiree com mais vontade de ir embora. As gêmeas conheciam uma garota chamada Farrah Thibodeaux que, um ano antes, pegara um avião até a cidade, o que parecera tão simples... Será que ir embora era assim tão difícil se Farrah, apenas um ano mais velha que elas, havia conseguido? Desiree se imaginava fugindo para a cidade e tornando-se atriz. Ela só havia participado de um espetáculo na vida — *Romeu e Julieta*, no nono ano —, mas, ao subir naquele palco, por um segundo sentiu que Mallard não era o pior lugar dos Estados Unidos. Seus colegas de turma a aplaudiram enquanto Stella desaparecia na escuridão do ginásio, e Desiree sentiu-se, enfim, ela mesma, única, não uma gêmea, não a metade incompleta de um par. No ano seguinte, contudo, ela perdeu o papel de Viola em *Noite de reis* para a filha do prefeito, que havia feito uma doação repentina para a escola. Depois de passar uma tarde emburrada na lateral do palco enquanto Mary Lou Fontenot brilhava e acenava para o público, Desiree disse à irmã que mal podia esperar para ir embora de Mallard.

— Você sempre diz isso — observou Stella.

— Porque é sempre verdade.

Mas não era. Ela não odiava Mallard; sentia-se aprisionada por

suas limitações. Andara por aquelas mesmas estradas sujas a vida inteira, entalhara suas iniciais nas mesmas carteiras escolares que sua mãe usara e que seus filhos usariam um dia, e onde passariam os dedos e sentiriam sua grafia irregular. E a escola ficava no mesmo prédio onde sempre estivera, todas as turmas juntas, então começar o ensino médio nem parecia uma grande mudança, apenas alguns passos até o outro lado do corredor. Talvez ela tivesse suportado tudo isso, não fosse a obsessão de todos com a pele clara. Syl Guillory e Jack Richard discutindo no barbeiro sobre quem tinha a mulher mais clara, ou a mãe sempre gritando com ela para botar o chapéu, ou ainda algumas crenças ridículas das pessoas, como se beber café ou comer chocolate na gravidez fizesse o bebê nascer escuro. Seu pai era tão claro que, nas manhãs frias, ela segurava o braço dele e enxergava veias azuis. Mas nada daquilo importou quando os homens brancos vieram atrás dele. Portanto, como ela poderia se importar com pele clara depois daquilo?

Ela já quase não se lembrava mais dele, e isso a assustava um pouco. A vida antes de ele morrer parecia uma história que alguém lhe contara. Uma época em que sua mãe não precisava acordar ao raiar do dia para limpar as casas de pessoas brancas, nem lavar roupa para ganhar um dinheiro extra no fim de semana, as cordas do varal ziguezagueando pela sala de casa. As gêmeas adoravam se esconder atrás de edredons e lençóis até Desiree perceber quanto aquilo era humilhante, a casa delas sempre cheia das roupas sujas dos outros.

— Se fosse verdade, você faria algo a respeito — respondeu Stella.

Ela era sempre muito pragmática. No domingo à noite, Stella passava as roupas da semana inteira enquanto Desiree toda manhã corria para encontrar um vestido limpo e terminar o trabalho de casa amassado no fundo da mochila. Stella gostava da escola. Tirava as

maiores notas em aritmética desde o jardim de infância e, quando estava no primeiro ano do ensino médio, a Sra. Belton até deixava que ela desse algumas aulas para as turmas mais novas. Ela dera a Stella um de seus livros antigos de cálculo, dos tempos em que estudava na Faculdade Spelman, e a garota passava dias, semanas, deitada na cama tentando decifrar aquelas formas estranhas e as longas cadeias de números entre parênteses. Certa vez, Desiree folheou o livro, mas as equações lhe pareciam uma linguagem arcaica, então Stella pegou o livro de volta, como se a irmã o maculasse só de olhar para ele.

Stella queria ser professora na Mallard High um dia. Mas toda vez que Desiree imaginava seu futuro em Mallard, a vida seguindo como sempre tinha sido, sentia um nó na garganta. Quando falava em ir embora, Stella nunca queria tocar no assunto.

— Não podemos deixar a mamãe — argumentava ela sempre e, envergonhada, Desiree se calava.

Ela já havia perdido muita coisa, e isso nem precisava ser dito.

---

NO ÚLTIMO DIA DO PRIMEIRO ANO do ensino médio, a mãe delas chegou do trabalho e anunciou que as gêmeas não voltariam para a escola depois das férias. Já tiveram educação demais, disse ela, sentando-se calmamente no sofá para descansar os pés, e precisava que elas trabalhassem. As gêmeas tinham dezesseis anos na época e ficaram atônitas, embora Stella talvez devesse ter notado as contas que não paravam de chegar, e Desiree pudesse ter se perguntado por que a mãe a enviara duas vezes só naquele mês para pedir mais crédito a Fontenot. Ainda assim, as duas se olharam em silêncio enquanto a

mãe desamarrava os sapatos. Stella parecia ter levado um soco no estômago.

— Mas eu posso trabalhar e ir para a escola também. Vou dar um jeito...

— Não vai conseguir, querida — respondeu a mãe. — Precisa estar lá o dia inteiro. Sabe que eu não faria isso se não precisasse.

— Eu sei, mas...

— E Nancy Belton até colocou você para dar aula. O que mais precisa aprender?

A mãe já havia encontrado um trabalho para as duas: limpar uma casa em Opelousas. Elas começariam na manhã seguinte. Desiree odiava ajudar a mãe na faxina. Enfiar as mãos na água suja da pia, se curvar sobre o esfregão e saber que, um dia, seus dedos também ficariam gordos e deformados por lavar roupa de gente branca. Mas pelo menos não haveria mais provas, estudos, decoreba ou palestras entediadas. Ela era adulta agora. A vida finalmente ia começar. Mas enquanto as gêmeas começavam a preparar o jantar, Stella continuava quieta e abatida ao lavar as cenouras na pia.

— Eu pensei que... — disse. — Acho que imaginei...

Ela queria entrar na faculdade algum dia, e obviamente passaria para Spelman ou Howard ou qualquer outra que quisesse. Aquela ideia sempre aterrorizou Desiree, a possibilidade de Stella se mudar para Atlanta ou Washington sem ela. Uma pequena parte dela estava aliviada, afinal, agora Stella não poderia abandoná-la. Mas, ainda assim, odiava ver a irmã triste.

— Você ainda pode ir para a faculdade — argumentou Desiree. — Mais tarde, quer dizer.

— Como? Preciso terminar a escola antes.



— Ora, você pode fazer isso depois. Ter aulas à noite ou algo assim. Vai terminar rapidinho, sabe que vai.

Stella ficou calada novamente enquanto cortava as cenouras para o cozido. Ela sabia quanto a mãe estava desesperada e nunca contestaria sua decisão. Mas estava tão transtornada que a faca escapuliu de sua mão e ela cortou o dedo.

— Merda! — disse ela, alto, assustando Desiree, que estava a seu lado.

Stella quase nunca falava palavrão, principalmente quando a mãe estava por perto e podia ouvir. Ela largou a faca, um fio de sangue escorreu de seu dedo indicador, e, sem pensar, Desiree levou à boca o dedo ensanguentado da irmã, do mesmo jeito que já tinha feito quando eram crianças e Stella não parava de chorar. Ela sabia que estavam muito velhas para aquilo, mas ainda assim manteve o dedo de Stella na boca, sentindo o gosto metálico de sangue. Stella ficou olhando, em silêncio. Seus olhos estavam marejados, mas ela não chorava.

— Que nojento — disse Stella, sem tirar o dedo.

---

DURANTE TODO O VERÃO, as gêmeas pegaram o ônibus de manhã para Opelousas, onde seguiam para uma gigantesca casa branca que ficava escondida atrás de portões de ferro adornados com leões brancos de mármore. Aquilo era tão grotescamente absurdo que Desiree riu quando viram a casa pela primeira vez, mas Stella apenas observou, desconfiada, como se a qualquer momento aqueles leões pudessem ganhar vida e atacá-la. Quando a mãe encontrou trabalho

para elas, Desiree sabia que a família seria rica e branca. Mas não esperava uma casa como aquela: havia um lustre de diamantes pendurado tão alto que ela precisava subir até o último degrau da escada para tirar o pó; uma enorme escadaria espiralada que a deixava tonta quando passava pano no corrimão; uma cozinha gigantesca para esfregar e cheia de eletrodomésticos tão futuristas que ela nem sabia como usá-los.

Às vezes, ela se perdia de Stella e precisava procurar a irmã. Ficava tentada a chamar seu nome, mas tinha medo de ouvir sua voz ecoar por aqueles salões enormes. Certa vez, encontrou-a limpando a penteadeira no quarto e encarando, com olhar melancólico, o espelho de maquiagem enfeitado com uma infinidade de potinhos de cremes. Era como se ela quisesse se sentar naquele banco elegante e passar um creme perfumado nas mãos feito Audrey Hepburn, ficar se admirando só por querer, como se vivesse num mundo onde as mulheres faziam isso. Mas, então, o reflexo de Desiree apareceu atrás dela, e Stella desviou o olhar, quase envergonhada por ser vista desejando alguma coisa.

Era a família Dupont. Uma esposa com cabelo louro repicado, que passava a tarde inteira em casa fazendo nada, sonolenta e entediada. Um marido que trabalhava no banco St. Landry. Dois meninos que viviam se empurrando em frente à TV em cores — ela nunca tinha visto uma daquelas — e um bebê careca que estava sempre com cólica. No primeiro dia de trabalho, a Sra. Dupont ficou olhando para elas por um instante e então disse ao marido, de forma displicente: “Que meninas lindas. Tão clarinhas, não é?”

O Sr. Dupont apenas concordou com a cabeça. Ele era um homem estranho e desajeitado, usava uns óculos cujas lentes eram tão grossas

que deixavam seus olhos esbugalhados. Sempre que passava por Desiree, ele inclinava a cabeça, com uma expressão de dúvida.

— Você é qual mesmo? — perguntava.

— Stella — respondia ela às vezes, só por diversão.

Ela sempre mentiu muito bem. A única diferença entre mentir e atuar era se o público estava participando ou não da farsa, mas, no fim das contas, tudo não passava de interpretação. Stella nunca queria trocar de lugar. Tinha certeza de que seriam pegas. Mas mentir — ou atuar — só era possível com comprometimento total. Desiree tinha passado anos estudando o comportamento de Stella. A maneira de mexer na barra da saia, o modo de colocar o cabelo atrás da orelha e como olhava para cima, com timidez, antes de dizer olá. Ela podia imitar a irmã, simular sua voz, fingir que seu corpo era o dela. Sentia-se especial por saber que conseguia se passar por Stella, mas Stella nunca seria capaz de fazer o mesmo.

Durante todo o verão, as gêmeas desapareceram de vista. Nada das garotas andando pela Partridge Road ou deslizando pelo sofá nos fundos da lanchonete do Lou ou indo assistir aos treinos de futebol dos garotos. Toda manhã elas entravam na casa dos Dupont e só reapareciam no fim da tarde, exaustas e com os pés inchados, Desiree recostada, sem forças, na janela do ônibus na viagem de volta para casa. O verão estava quase no fim e ela não imaginava como seria o outono, esfregando pisos de banheiro enquanto suas amigas fofocavam no refeitório e planejavam o baile de volta às aulas. O resto de sua vida seria aquilo? Sentir-se sufocada por uma casa que a engolia assim que ela colocava os pés lá dentro?

Havia uma maneira de fugir. Ela sabia, sempre soubera, mas em agosto começou a pensar obstinadamente em Nova Orleans. Na

manhã do Dia do Fundador, já em pânico de ter que voltar à casa dos Dupont, cutucou Stella do outro lado da cama e disse:

— Vamos embora.

Stella resmungou e rolou na cama, os calcanhares atados pelo lençol. Ela sempre teve o sono agitado, com pesadelos sobre os quais nunca falava.

— Para onde? — perguntou Stella.

— Você sabe. Estou cansada de só falar sobre isso. Vamos logo.

Ela sentia como se um portal de fuga tivesse surgido na sua frente e, se demorasse muito, ele sumiria para sempre. Mas não podia ir sem Stella. Ela nunca ficara longe da irmã e, de alguma forma, se perguntava inclusive se sobreviveria a uma separação.

— Vamos lá. Você quer limpar a casa dos Dupont para sempre?

Ela nunca saberia o que, de fato, a convenceu. Talvez Stella também estivesse entediada. Talvez, por ser pragmática, Stella tenha se dado conta de que poderiam ganhar mais dinheiro em Nova Orleans e assim ajudar mais a mãe. Ou talvez ela também achasse que o portal de fuga estava desaparecendo e tenha percebido que tudo o que queria na vida estava fora de Mallard. Quem se importava com o que a fez mudar de ideia? O importante é que Stella finalmente disse:

— Está bem.

As gêmeas passaram a tarde no piquenique do Dia do Fundador, Desiree prestes a explodir com aquele segredo. Mas Stella parecia calma como sempre. Ela era a única pessoa para quem Desiree contava seus segredos. Stella sabia em quais provas Desiree tinha tirado nota baixa, e também que a irmã falsificara a assinatura da mãe nessas provas em vez de mostrar a ela. Sabia das quinquilharias que Desiree roubara de Fontenot — um batom, alguns botões,

abotoaduras de prata — simplesmente porque podia, porque isso a fazia se sentir bem quando a filha do prefeito passava, já que ela lhe havia tirado algo também. Stella ouvia, julgava algumas vezes, mas nunca contava a ninguém, o que era o mais importante. Contar um segredo a Stella era como falar dentro de uma garrafa e fechar bem a tampa. Ela não deixava escapar nada. Mas, naquela época, Desiree não imaginava que Stella também escondia os próprios segredos.

Alguns dias depois que as gêmeas Vignes foram embora de Mallard, o rio transbordou e as estradas ficaram pura lama. Se tivessem esperado só mais um dia, a tempestade as teria impedido. Se não fosse a chuva, seria a lama. Elas se arrastariam até a metade da Partridge Road e desistiriam. Não eram duronas. Não resistiriam nem dez quilômetros andando por uma estrada rural enlameada; teriam voltado para casa, encharcadas, e iriam direto para a cama. Desiree admitiria que tinha sido impulsiva, e Stella diria que estava apenas sendo uma irmã leal. Mas não choveu naquela noite. O céu estava limpo quando as gêmeas saíram de casa sem olhar para trás.

---

NA MANHÃ EM QUE DESIREE VOLTOU, ela se perdeu um pouco a caminho da casa da mãe. Perder-se um pouco era pior do que se perder por completo; era impossível saber qual parte do seu cérebro estava certa sobre o caminho. A Partridge Road dava no bosque, e depois? Era preciso virar após o rio, mas para que lado? Toda cidade parece diferente quando você retorna, como uma casa que teve os móveis deslocados dez centímetros. Você não a confundiria com outra casa, mas bateria as canelas em todos os cantos. Ela parou na beira da

mata, fascinada com todos aqueles pinheiros que pareciam não ter fim. Mexeu no lenço no pescoço enquanto tentava encontrar algo familiar ali. Mal dava para ver o hematoma sob o tecido azul quase transparente.

— Mamãe, estamos chegando? — perguntou Jude.

Ela olhava para Desiree com aqueles olhos enormes que lembravam duas luas. Parecia tanto com Sam que Desiree desviou o olhar.

— Sim, estamos quase.

— Quanto falta?

— Só mais um pouquinho, querida. É logo depois desse bosque. A mamãe está tentando se achar aqui, só isso.

Na primeira vez em que Sam bateu nela, Desiree começou a considerar uma volta para casa. Na época, estavam casados havia três anos, mas, para ela, ainda parecia uma lua de mel. Ficava arrepiada quando ele lambia a cobertura de bolo do dedo dela ou quando beijava seu pescoço enquanto ela passava batom. Começava a sentir que Washington podia ser sua casa, onde conseguia imaginar o restante da sua vida sem Stella. Mas então, numa noite de primavera havia seis anos, ela se esquecera de costurar um botão na camisa dele e, quando ele a lembrou, Desiree respondeu que estava muito ocupada fazendo o jantar e ele mesmo teria que costurar. Estava cansada do trabalho e era tão tarde que já ouvia *The Ed Sullivan Show* na TV; Diahann Carroll cantava “It had to be you”. Ela colocou o frango no forno e, quando se levantou, sentiu a mão quente dele em sua boca. Tinha vinte e quatro anos. Nunca havia levado um tapa na cara até então.

— Precisa se separar dele — sugeriu sua amiga Roberta ao telefone. — Se ficar, ele vai achar que pode fazer isso sem qualquer

punição.

— Não é tão simples assim — disse Desiree, com a mão no lábio inchado, olhando para o quarto do bebê.

De repente, imaginou o rosto de Stella: era como o seu, mas sem o machucado.

— Por quê? — perguntou Roberta. — Você o ama? E ele te ama tanto a ponto de quase arrancar sua cabeça?

— Não foi tão ruim assim.

— E você pretende ficar aí até que seja?

Quando Desiree finalmente tomou coragem para deixá-lo, já não falava com Stella desde que a irmã passara a ignorá-la. Não tinha como encontrá-la, nem sabia mais onde ela morava. Ainda assim, enquanto andava pela Union Station com a filha, confusa e agarrada a seu braço, tudo que ela queria era ligar para a irmã. Algumas horas antes, durante outra discussão, Sam a segurara pelo pescoço e apontara a pistola para ela, os olhos dela tão brilhantes quanto da primeira vez que o beijou. Ele ia acabar matando-a algum dia. Ela sabia disso, mesmo depois que ele a soltou e ela voltou, ofegante, para seu lado da cama. Naquela noite, Desiree fingiu dormir e, pela segunda vez na vida, arrumou as malas no escuro. Na estação de trem, correu para comprar as passagens com o dinheiro que roubara da carteira de Sam, agarrada à mão da filha, a respiração tão forte que fazia seu estômago doer.

E agora?, perguntava a Stella, em sua mente. Para onde eu vou? Mas, é claro, Stella não respondeu. E, é claro também, só havia um lugar para onde ir.

— Falta muito ainda? — perguntou Jude.

— Só mais um pouquinho, querida. Estamos quase lá.

Quase em casa, mas o que isso significava agora? Talvez sua mãe a expulsasse antes mesmo que ela subisse os primeiros degraus. Bastaria ver Jude para mandar as duas de volta para a rua. *Claro que aquele homem escuro te batia. O que você esperava? Casamento de vingança não dura.* Ela se inclinou para pegar a filha no colo, encaixando-a no quadril. Agora andava sem pensar muito, apenas para manter o corpo em movimento. Talvez fosse um erro ter voltado a Mallard. Talvez devessem ter ido a um lugar novo, começado do zero. Mas era tarde demais para arrependimentos. Ela já ouvia o barulho do rio. Foi até lá com a filha, pesada, agarrada em seu pescoço. O rio ia ajudá-la. Parada ali, naquela margem, ela lembraria o caminho.

---

EM WASHINGTON, Desiree Vignes tinha aprendido a ler impressões digitais.

Ela nunca soubera que dava para aprender algo assim até a primavera de 1956, quando, ao caminhar pela Canal Street, viu um panfleto na janela de uma padaria anunciando que havia vagas de emprego no governo federal. Parou na porta e ficou olhando para o cartaz. Stella fora embora havia seis meses, e o tempo passava devagar, a conta-gotas. Às vezes, ela até se esquecia, por mais estranho que parecesse. Ao ouvir uma piada engraçada no bonde ou passar por um amigo em comum, ela se virava para comentar com Stella “Ei, viu aquilo...”, antes de lembrar que a irmã havia ido embora. Que deixara Desiree sozinha pela primeira vez na vida.

E, ainda assim, mesmo depois de seis meses, Desiree tinha esperanças. Stella ia ligar. Ia mandar uma carta. Mas toda noite ela



tateava a caixa de correio vazia e esperava ao lado de um telefone que se recusava a tocar. Stella tinha ido embora em busca de uma vida nova que não incluía Desiree, que agora estava arrasada, morando na cidade onde Stella a abandonara. Então ela anotou o número que constava no panfleto amarelo colado na janela da padaria e foi até o escritório de recrutamento assim que saiu do trabalho.

Já descrente de que encontraria alguém com boa reputação em Nova Orleans, a recrutadora foi surpreendida por aquela jovem bem-alinhada que se sentou à sua frente. Olhou para a ficha de inscrição e hesitou na parte marcada “de cor”. Então deu uma batidinha com a caneta no campo *cidade de nascimento*.

— Mallard — disse ela. — Nunca ouvi falar desse lugar.

— É uma cidadezinha — respondeu Desiree. — Ao norte daqui.

— O Sr. Hoover gosta de cidadezinhas. Sempre diz que as melhores pessoas vêm de cidadezinhas.

— Bem, Mallard é uma cidadezinha por definição.

---

EM WASHINGTON, ela tentou enterrar o luto. Alugou um quarto na casa da outra mulher de cor do departamento de impressões digitais, Roberta Thomas. Parecia mais um porão do que um quarto, na verdade; era escuro e sem janelas, porém limpo e, mais importante, pagável.

— Não é grande coisa — disse Roberta no primeiro dia de trabalho. — Mas se você precisa muito de um lugar...

Ela fez a proposta de um jeito meio hesitante, como se quisesse que Desiree recusasse. Estava exausta, tinha três filhos, e, sinceramente,

Desiree parecia mais uma de quem ela precisaria cuidar. Mas ficou com pena da garota, que mal tinha dezoito anos, sozinha numa cidade nova, então o porão serviria: uma cama de solteiro, um armário, o barulho do aquecedor crepitando que a ninava até dormir.

Desiree prometeu a si mesma que aquele seria um recomeço, mas pensava com ainda mais frequência em Stella ali, imaginando o que a irmã teria feito naquela cidade. Ela saíra de Nova Orleans para fugir da memória de Stella, mas não conseguia dormir sem rolar na cama esperando sentir o corpo da irmã a seu lado.

No escritório, Desiree aprendeu sobre arcos, presilhas e verticilos. A diferença entre uma presilha radial, que se abre em direção ao polegar, e uma presilha ulnar, que se abre em direção ao mindinho. Entre um verticilo ovoidal e um sinuoso. Entre um dedo jovem e um velho, cujas papilas já estão mais desgastadas pelo tempo. Ela identificava uma pessoa em meio a milhões de outras só analisando as papilas: sua espessura, forma, poros, contorno, interrupções ou vincos. Toda manhã chegavam à sua mesa impressões digitais coletadas de carros roubados, cápsulas de balas, janelas quebradas, maçanetas e facas. Ela conferiu as impressões de manifestantes antiguerra e identificou restos mortais de soldados que voltavam para casa em caixas com gelo seco. Estava analisando impressões digitais de uma arma roubada na primeira vez em que Sam Winston passou por ela. Ele usava uma gravata lavanda e um lenço de seda combinando; ela ficou chocada tanto com o brilho da gravata quanto com a ousadia do rapaz, que era negro bem escuro e teve a audácia de usá-la. Mais tarde, quando o viu almoçando com os outros advogados, ela se virou para Roberta e disse:

— Eu não sabia que havia promotores públicos negros.

Roberta riu com deboche.

— É claro que tem. Aqui não é aquela cidadezinha minúscula de onde você vem.

Roberta nunca tinha ouvido falar de Mallard. Ninguém fora de St. Landry Parish já ouvira falar de lá, e, quando Desiree contou a Sam, ele teve dificuldade até de imaginar.

— Você está brincando — disse ele. — Uma cidade inteira de gente clarinha assim como você?

Ele a convidara para almoçar certa tarde, inclinando-se sobre a mesa dela depois de passar por ali perguntando sobre um conjunto de impressões digitais. Mais tarde, contou a ela que não estava precisando tanto assim daquelas digitais, queria apenas um motivo para se apresentar. Naquele momento, os dois estavam sentados no Arboreto Nacional, observando os patos no lago.

— Mais claras que eu até — respondeu ela, pensando na Sra. Fontenot, que costumava se gabar e dizer que os filhos tinham cor de coalhada.

Sam riu.

— Ora, você precisa me levar lá um dia. Tenho que ver essa cidade de gente clarinha com meus próprios olhos.

Mas aquilo era só flerte. Ele nascera em Ohio, e o mais ao sul que tinha ido era a Virgínia. A mãe queria tê-lo mandado para a Faculdade Morehouse, mas, não, ele fazia mais o tipo da Universidade de Ohio, desde a época em que os dormitórios ainda eram segregados. Ele assistia a aulas com professores brancos que se recusavam a responder a suas perguntas. Todo inverno precisava limpar neve amarela de urina do para-brisa do carro. Saía com garotas mais claras que não andavam de mãos dadas com ele em público. O racismo ali

do norte ele conhecia. O praticado no sul, não fazia questão.

Até onde sabia, seu povo havia fugido do sul por uma razão, e quem era ele para questionar os antepassados? Aqueles caipiras brancos nem o deixariam voltar para casa, Sam sempre brincava. Ele iria até o sul para visitar e acabaria preso nas plantações de algodão.

— Você não ia gostar de Mallard — disse ela.

— Por que não?

— Porque não. Eles são estranhos. Obcecados por pele clara. Por isso saí de lá.

Não havia sido bem por isso, mas queria que ele acreditasse que ela era bem diferente do lugar de onde viera. Queria que ele acreditasse em qualquer coisa menos na verdade: que ela era só uma jovem entediada que arrastara a irmã para uma cidade onde se perdeu totalmente. Ele ficou quieto por um instante, pensando, e então entregou a ela uma cesta cheia de migalhas de pão. Tinha passado um tempo despedaçando a casca do sanduíche para que ela pudesse alimentar os patos; o tipo de cavalheirismo sutil dele que ela passaria a amar. Ela sorriu e pegou as migalhas da cesta.

Desiree lhe disse que nunca saíra com um homem como ele, mas a verdade é que nunca saíra com homem nenhum. Por isso ficava encantada e surpresa com qualquer coisinha que ele fizesse: quando Sam a levava a restaurantes com toalhas de mesa brancas e talheres de prata ornamentados; quando ele a convidava para o teatro, surpreendendo-a com ingressos para assistir a Ella Fitzgerald. Ela ficou imaginando como era seu apartamento de solteiro quando ele a convidou para ir lá pela primeira vez, e se impressionou com a roupa de cama elegante, o armário arrumado por cor, a cama espaçosa. Quase chorou ao voltar para o porão de Roberta.

Ele nunca mais se ofereceria para visitar a cidade natal dela. E ela nunca pediu que ele fosse. Disse a ele desde o início que odiava Mallard.

— Não acredito em você — contestou ele.

Estavam deitados na cama, ouvindo a chuva.

— E por que não? Já disse a você como me sinto.

— Nós, negros, sempre adoramos a cidade onde nascemos — argumentou. — Mesmo que sejam sempre os piores lugares. Só os brancos têm a liberdade de odiar o próprio lar.

Ele foi criado numa área de condomínios de baixa renda em Cleveland e amava aquela cidade com o ardor de alguém que não tinha muito mais o que amar. Desiree tinha apenas uma cidade da qual sempre quisera escapar e uma mãe que já havia deixado claro que ela não seria bem-vinda de volta. Ainda não contara a Sam sobre Stella, pois tinha a impressão de que seria mais uma coisa a respeito de Mallard que ele não compreenderia. Mas a chuva continuava fazendo barulho ao bater na escada de incêndio de metal, então ela se virou para ele e disse que tinha uma irmã gêmea, e que ela decidira se tornar outra pessoa.

— Ela vai acabar se cansando de todo esse fingimento — respondeu ele. — Aposto que vai voltar correndo, se sentindo uma idiota. Ninguém conseguiria ficar longe de você por muito tempo.

Ele lhe deu um beijo na testa, e ela o abraçou mais forte, ouvindo o coração dele bater em sua orelha. Isso foi no início. Antes que ele cerrasse o punho ao chamá-la de *vadia amarela arrogante* ou *louca como sua irmã* ou ainda *pensa que é branca*. Foi na época em que ela começava a confiar nele.

---

MUITOS ANOS DEPOIS, quando sua visão passou a se deteriorar, ela culpou os anos em que forçou a vista para analisar impressões digitais e suas papilas. Certa vez, Roberta lhe contou que logo todo o sistema de impressões digitais seria operado por máquinas. Os japoneses já estavam testando a tecnologia. Mas como uma máquina poderia analisar uma digital melhor do que um olho treinado? Desiree via padrões que a maioria das pessoas não notava. Podia ler a vida inteira de alguém a partir da impressão digital. Ao longo do treinamento, ela praticava lendo as próprias digitais, aqueles desenhos intrincados que a tornavam única. Stella tinha uma cicatriz no indicador esquerdo, da vez que o cortou com a faca; uma das muitas maneiras pelas quais as impressões digitais das duas eram diferentes.

Às vezes, o que nos torna nós mesmos são as pequenas coisas.

---

ADELE VIGNES MORAVA NUMA CASA estreita e comprida escondida às margens do bosque, casa essa que havia sido construída pelo fundador da cidade e onde desde então moraram diversas gerações da família Decuir. Quando ela se casou pela primeira vez, o marido, Leon Vignes, andou pela casa analisando os móveis antigos. Ele era um faz-tudo que queria trabalhar como marceneiro e tocou os pés de mesa fininhos, admirando o trabalho feito ali. Ele nunca imaginara que um dia moraria numa casa tão imbuída de história. Afinal, nunca imaginara se casar com uma garota Decuir. Uma garota de família tradicional. Sabia que a própria família vinha de uma longa linhagem de viticultores franceses que chegaram ao Novo Mundo querendo

estabelecer uma vinícola, mas descobriram que a Louisiana era quente e úmida demais para uvas, portanto, acabaram cultivando cana-de-açúcar. Um grande sonho destruído pela realidade, foi isso que ele herdou. Seus pais eram mais pé no chão: donos de um bar ilegal chamado Surly Goat, que ficava nos limites de Mallard. Mais tarde, os moradores mais religiosos da cidade atribuíram àquela atividade pecaminosa toda a tragédia da família: nenhum dos quatro irmãos Vignes passou dos trinta anos. Leon, o mais novo, foi o primeiro a morrer.

A casa havia desbotado com o tempo, mas, de certa forma, parecia exatamente igual às lembranças de Desiree. Ela pisou na clareira segurando a filha com mais força, os ombros mais tensos a cada passo. Aquelas colunas de bronze, o telhado azul-petróleo, a varanda estreita onde a mãe estava sentada numa cadeira de balanço, descascando vagens numa bacia com água. A mãe ainda era magra, o cabelo caía pelas costas, as têmporas agora grisalhas. Desiree parou, a filha pesada agarrada a seu pescoço. Era como se todos aqueles anos a repelissessem, uma mão em seu peito.

— Estava imaginando quando iam chegar aqui. Sabe que Lou já me ligou dizendo que viu você — disse a mãe para ela, mas olhando para a criança em seus braços. — Meio grande para ficar no colo.

Desiree finalmente pôs a filha no chão. Suas costas doíam, mas a dor pelo menos era familiar. Um corpo dolorido mantinha você alerta, acordado, melhor do que o estado de torpor que ela sentiu no trem, movendo-se apesar de estar presa no mesmo lugar. Ela empurrou a filha para a frente com delicadeza.

— Vá dar um beijo na maman — incentivou. — Pode ir, está tudo bem.

A menina se agarrou às pernas da mãe, com vergonha de se mexer, mas Desiree a empurrou um pouquinho mais até que a filha subisse os degraus com cuidado e, hesitante, abraçasse a avó. Adele a afastou um pouco para dar uma boa olhada na menina e passou a mão nas tranças bagunçadas.

— Vá tomar um banho — disse. — Está com cheiro da rua.

No banheiro, Desiree se ajoelhou no azulejo rachado para dar banho na filha dentro da banheira com pés em estilo vitoriano. Testou a temperatura da água como se estivesse sonhando. O espelho mais escuro no canto de cima, a pia lascada, o chão de madeira rangendo em determinados lugares, os quais ela aprendera a evitar para não ser flagrada voltando para casa muito tarde. A mãe descascava vagens na varanda como se aquela fosse uma manhã normal. E, ainda assim, elas não se falavam desde que Stella se fora. Desiree ligou para casa, aos prantos, e a mãe disse: “A culpa é sua.” O que ela podia responder? Foi mesmo ela quem convencera Stella a fugir de casa. Até que a irmã decidira que preferia ser branca, e a mãe a culpava porque Stella não estava mais ali para levar a culpa.

Na cozinha, ela se sentou numa cadeira e pouco depois se deu conta de que era onde se sentava sempre, a cadeira de Stella vazia a seu lado. A mãe estava ocupada com alguma coisa no fogão e, por um bom tempo, Desiree ficou apenas encarando suas costas.

— Então foi isso que você andou fazendo — começou a mãe.

— Como assim?

— Você entende o que quero dizer. — A mãe se virou para ela, os olhos cheios de lágrimas. — Você nos odeia tanto assim, é?

Desiree se afastou da mesa.

— Sabia que não devia ter vindo...



— Sente-se.

— Se isso é tudo que tem para me dizer...

— O que esperava? Você vem sabe Deus de onde, carregando uma criança que não se parece em nada com você...

— Nós vamos embora — disse Desiree. — Pode ficar com raiva de mim o quanto quiser, mamãe, mas não vai ser maldosa com minha filha.

— Eu disse para se sentar — falou a mãe novamente, dessa vez mais calma. Entregou à filha um pedaço de broa de milho. — Só estou surpresa. Não tenho direito de ficar surpresa?

Em vários momentos, Desiree pensara em ligar para casa. Quando chegara a Washington, instalara-se no porão de Roberta e a mãe não tinha como encontrá-la. Ou quando Sam a pedira em casamento e eles tiraram fotos de noivado sob uma cerejeira. Chegara a colocar uma das fotos em um envelope e escrever o endereço, mas não teve coragem de mandar. Não porque tivesse vergonha dele — foi assim que Sam entendeu —, mas por que compartilharia notícias boas com alguém que não ficaria feliz por ela? Já até sabia o que a mãe diria. *Você não ama esse homem de pele escura. Só vai se casar com ele para se rebelar, e a pior coisa a fazer com uma criança rebelde é lhe dar atenção. Vai entender um dia quando tiver filho.* Depois do casamento, depois de cortado o bolo, depois de os amigos terem saído pelas ruas, bêbados e felizes, ela desabou nos fundos do salão de festas em seu vestido branco de babados e chorou. Nunca havia imaginado que um dia se casaria sem a mãe e sem a irmã a seu lado.

Ela até pensara em ligar depois de ter dado à luz uma menina no Freedmen's Hospital. Quando Jude nasceu, a enfermeira, que era de cor, fez uma pausa antes de embrulhá-la no cobertor rosa.

— É sinal de boa sorte — disse ela, enfim, entregando-a para a mãe — quando a menina se parece com o pai.

Deu um breve sorriso, oferecendo uma espécie de incentivo para uma mulher que, ela acreditava, ia precisar. Mas Desiree ficou encarando o rosto da filha, encantada. Outra mulher talvez tivesse se decepcionado porque a filha não se parecia em nada com ela, mas Desiree sentia-se grata. A última coisa que queria era amar outra pessoa que tivesse a sua cara.

— Eu teria me preparado melhor se tivesse me dito que viria — observou a mãe.

— Foi meio de última hora — respondeu Desiree.

Ela mal havia comido no trem, apenas mordiscou uns biscoitos e engoliu café puro até que a cafeína a deixasse trêmula. Precisava traçar um plano. Mallard e depois o quê? Para onde ir em seguida? Não podiam de jeito nenhum ficar ali, mas ela não sabia para onde mais ir. Estava contemplando aquela cozinha antiga e sentia falta de seu apartamento em Washington. De seu trabalho, seus amigos, sua vida. Talvez ela tivesse exagerado... Os protestos haviam deixado todos meio descontrolados. Há uma semana, enquanto Walter Cronkite dava as notícias, Sam chorava e tremia em seus braços no sofá. O atirador talvez fosse maluco, ou um espião militar, ou até mesmo um agente atuando em nome do governo. Talvez eles fossem meio culpados, negros cúmplices trabalhando do lado errado da história. Ele dizia coisas sem sentido e ela o segurou com força até o telejornal acabar. Naquela noite, eles fizeram amor desesperadamente; talvez fosse uma forma estranha de homenagear o Reverendo, mas Desiree não se sentiu ela mesma naquela noite, dominada pelo luto por um homem que nem conhecia.

Na manhã seguinte, ela passou por fachadas de lojas destruídas, com as palavras “IRMÃO DE ALMA” escritas nas vitrines protegidas por placas de madeira. Eram pedidos apressados de lealdade rabiscados de caneta e colados no vidro. O escritório liberou os funcionários mais cedo naquele dia. Depois de descer do ônibus, ao andar para casa, deu de cara com um garoto negro assustado — tão magro quanto o taco de beisebol que segurava —, que exigiu sua bolsa.

— Anda logo, sua vadia branca! — gritou, batendo com o taco na calçada, como se quisesse alcançar o centro da terra.

Ela se atrapalhou com a alça de couro da bolsa, muito assustada para corrigi-lo e também se reconhecendo naquela fúria e naquele terror. Até que Sam apareceu em sua frente com os braços erguidos.

— Essa é minha mulher, irmão.

O garoto saiu correndo, atordoado. Sam a arrastou para dentro do apartamento, protegendo-a em seu peito.

A cidade entrou em ebulição durante quatro noites. Na última delas, Sam segurou o corpo nu de Desiree e sussurrou: “Vamos fazer mais um.” Ela demorou um pouco para entender que ele estava se referindo a um bebê. Ela hesitou. Não queria ter hesitado, mas a ideia de ter mais um filho prendendo-a a ele, mais um filho para se preocupar todas as vezes que ele tivesse um acesso de raiva... Ela não podia de jeito nenhum ter outro bebê com ele. Claro que não disse isso, mas sua hesitação deixou tudo bem claro e, mais tarde, quando ele a agarrou pelo pescoço, ela sabia exatamente o motivo. Ela o havia magoado enquanto ele ainda estava de luto. Era de se esperar que ficasse com raiva. Sim, de vez em quando ele gostava de mostrar quem mandava. E quem poderia culpá-lo, vivendo num mundo que não o respeitava como homem? Ela não deveria ser tão respondona. Podia se

esforçar mais para manter um lar tranquilo. Não era ele o mesmo homem que a defendera do taco de beisebol de um garoto revoltado? O mesmo homem que a amara depois que a irmã a abandonou e a mãe se recusava a atender seus telefonemas?

Talvez não fosse tarde demais. Elas haviam saído de casa há apenas dois dias. Podia ligar para Sam e dizer que cometera um erro. Precisava de um tempinho para esfriar a cabeça, só isso. É claro que não tinha a intenção de ir embora de verdade. A mãe empurrou o prato para ela novamente.

— Qual é o problema em que se meteu? — perguntou a mãe.

Desiree forçou uma risada.

— Não tem problema nenhum, mamãe.

— Não sou burra. Acha que não sei que está fugindo daquele seu homem?

Desiree ficou olhando para a mesa, os olhos começando a marejar. A mãe jogou um pouco de leite na broa de milho e a amassou com um garfo, do jeito que Desiree comia quando era criança.

— Ele é passado agora — disse a mãe. — Coma sua broa.

---

MAIS TARDE NAQUELE DIA, uns duzentos quilômetros a sudeste de Mallard, Early Jones recebeu uma proposta de emprego que mudaria o curso de sua vida. Ele não sabia disso naquele momento. Qualquer emprego para ele era apenas isso — um emprego —, portanto, ao entrar no Ernesto's procurando por Big Ceel, ele só estava preocupado em saber se teria dinheiro para tomar um drinque. Enfiou a mão no bolso e conferiu as moedas. Nunca tinha nem um dólar. Duas

semanas antes, ele fizera um trabalho para Ceel e, de alguma forma, já conseguira torrar todo o dinheiro no que um homem solteiro em Nova Orleans necessitava: jogos, bebida e mulher. Agora estava desesperado por outro trabalho. Pelo dinheiro, é claro, mas também porque odiava ficar no mesmo lugar por muito tempo, e duas semanas no mesmo lugar, para ele, era tempo demais.

Ele não era do tipo que se fixava, se estabelecia. Só era bom em se perder. Havia dominado essa habilidade desde cedo, já que fora uma criança sem muitas raízes. Passou a infância — se é que se pode chamar assim — trabalhando como meeiro nas fazendas de Janesville e Jena, ao sul de New Roads e Palmetto. Quando tinha oito anos, foi entregue aos tios, sem filhos, já que os pais tinham crianças demais. Não sabia mais onde os pais moravam, nem mesmo se ainda estavam vivos, e dizia nunca pensar neles.

— Eles já foram, passou — dizia ele, quando alguém perguntava. — O que passou está no passado.

Mas a verdade é que, quando começou a rastrear pessoas que se escondiam, tentou encontrar os pais. O fracasso foi imediato e humilhante; ele não sabia o suficiente sobre os próprios pais nem para ter ideia de por onde começar. Provavelmente foi melhor assim. Eles não o quiseram quando era criança, por que raios iam querê-lo agora, já um homem adulto? Ainda assim, o fiasco o incomodou. Desde que começara a rastrear pessoas, seus pais eram os únicos que não havia encontrado.

O segredo para continuar perdido por aí era nunca amar nada. Early sempre ficava abismado com os motivos pelos quais os fugitivos voltavam. Mulheres, na maioria das vezes. Em Jackson, capturara um homem procurado por tentativa de assassinato porque ele havia

retornado para a esposa. Dava para encontrar mulheres novas em qualquer lugar, mas, pensando bem, os homens mais violentos também eram os mais sentimentais. Eram pura emoção, em todos os aspectos. O que o surpreendia mesmo eram os homens que voltavam por causa de pertences materiais. Uma quantidade imensurável de carros, por exemplo, e eram sempre umas latas-velhas que as pessoas tinham há anos e das quais não conseguiam se desfazer. Em Toledo, pegou um sujeito que voltara à casa de sua infância por causa de uma bola de beisebol velha.

— Sei lá, cara — disse ele, algemado no banco de trás do El Camino de Early. — Eu realmente amo essa bola.

O amor nunca segurou Early em lugar algum. Assim que ia embora de uma região, esquecia-se dela de vez. Os nomes se apagavam da memória, os rostos viravam um borrão, os prédios se tornavam um punhado irreconhecível de tijolos. Já havia esquecido os nomes de todos os professores que tivera em todas as escolas onde estudara, das ruas onde havia morado, até mesmo da aparência de seus pais. A falta de memória era seu dom. Uma boa memória poderia enlouquecer alguém.

Há sete anos ele fazia esses trabalhos para Ceel de vez em quando. Não queria que pensassem que estava trabalhando para a lei ou para as instituições. Ele capturava os criminosos por um motivo apenas — o dinheiro — e não dava a mínima para a justiça dos homens brancos. Depois que pegava alguém, não ficava se perguntando se o júri o havia condenado, ou se o sujeito sobrevivera à prisão. Esquecia aquela pessoa de vez. Esquecer era a única maneira de fazer aquele trabalho, ainda que carregasse as cicatrizes das facadas que levou na barriga como um souvenir e fosse reconhecido nos bares às vezes. Gostava de

caçar criminosos. Quando Ceel vinha falar com ele sobre uma criança desaparecida ou um pai de família inútil, Early negava com a cabeça.

— Não sei nada sobre essa gente aí — dizia, e voltava a beber o uísque.

Ali no Ernesto's, Ceel dava de ombros. Ele tinha um escritório mais apropriado na Seventh Ward, mas Early odiava encontrá-lo lá, que era bem em frente à igreja, onde aquela gente beata os encarava enquanto eles desciam os degraus. Esse bar era o tipo de lugar do qual Early gostava, meio escuro e seguro. Ceel era um homem corpulento de cor parda e cabelo preto sedoso. Andava sempre com um isqueiro prateado que ficava girando entre os dedos enquanto falava. Anos atrás, na primeira vez que abordara Early num bar como aquele, ele já brincava com o isqueiro. Early o escutara sem muito entusiasmo, olhando para o reflexo da luz que batia no isqueiro e serpenteava pelo bar.

— Então, o que acha de ganhar dinheiro? — perguntou Ceel.

Ele não se parecia com um gângster ou um cafetão, mas tinha o ar meio canalha de alguém que trabalhava nos limites da legalidade. Era agente de fianças e estava procurando por um novo caçador de recompensas quando reparou em Early.

— Você tem um jeito meio calado — disse. — Isso é bom. Preciso de um homem que observe e escute.

Na época, Early tinha vinte e quatro anos, era recém-saído da prisão e estava sozinho em Nova Orleans, porque achou que aquele era um lugar tão bom para recomeçar quanto qualquer outro. Aceitou o emprego porque precisava trabalhar. Nunca imaginara que seria bom naquilo, tão bom que Ceel continuou lhe oferecendo trabalhos que não tinham a ver com fianças.

— O que você sabe sobre essa gente é o que eu te digo — disse Ceel. — E ainda não contei nada.

— É que não gosto de me envolver nesses casos. Não tem outra coisa para mim?

Ceel riu.

— Você é o único cara que conheço que diz isso. Todo mundo com quem falo fica feliz em não ter que rastrear um criminoso filho da puta para variar.

É que Early conseguia entender como um homem procurado pensava. A exaustão, o desespero, o egoísmo absoluto para tentar sobreviver. Outros tipos de desaparecimento o desconcertavam. Ele não entendia gente casada e não tinha qualquer intenção de se meter no meio de um casamento. Mas, pensando bem, trabalho era trabalho. Por que não aceitar algo mais tranquilo? Tinha passado as últimas duas semanas perseguindo um cara quase até o México; seu carro enguiçou no meio do deserto e ele ficou imaginando se morreria ali, caçando um homem, sendo que nem se importava se o sujeito seria punido ou não. Se o pagamento era o mesmo, por que não considerar um trabalho mais fácil, pelo menos uma vez?

— Não vou capturar a mulher — afirmou.

— Não precisa de nada disso. É só ligar quando encontrá-la. O marido está procurando. Ela fugiu com a filha dele.

— Ela fugiu por quê?

Ceel deu de ombros.

— Não é da minha conta. O homem quer que a gente encontre. Ela é de uma cidadezinha no norte chamada Mallard. Já ouviu falar?

— Passei por lá quando era criança — respondeu Early. — Lugar estranho. Gente metida.